

*“Mãe ama incondicionalmente”. “Amor de mãe é perfeito”. “Ser mãe é padecer no paraíso”. Estas e outras compõem o “Mito da Maternidade”. É o imaginário social sobre a figura materna: perfeita, santa, assexuada, totalmente responsável pela felicidade e educação dos filhos. Mas as mulheres, ao engravidarem, têm sentimentos contraditórios: alegria, orgulho, medo, dúvidas: “Será este o melhor momento para engravidar?”, “Como ficará minha vida pessoal e profissional?”, “E a relação a três?”, ou “Darei conta de mais um filho?”.*

*E logo o sentimento de culpa: “Se tenho estas dúvidas, serei boa mãe?”, “Estarei rejeitando meu filho?”, “Sou egoísta pensando na minha vida pessoal e profissional e não sentindo alegria plena e permanente?”. Na realidade, a grávida compara seus sentimentos contraditórios, porém normais e saudáveis, com os sentimentos do “mito materno”. Normais, pois quase todas as mulheres experimentam tais sentimentos. Saudáveis por ser saudável preocupar-se com a vida pessoal e profissional, pois, ao ser mãe, apenas acrescentará novo papel aos outros (profissional, esposa, cidadã, filha, vizinha, etc.) que, em caso de se atrofiarem, a empobrecerão. A gravidez mais desejada pode comportar dúvidas, mal estar, rejeição, como todas as relações humanas. Se a gravidez ocorre, havendo tantos métodos anticoncepcionais, é porque algum espaço interno, mesmo pequeno, há para este desejo e, se é levada adiante é porque, fundamentalmente, é desejada.*

*Nos grupos de gestantes é freqüente as grávidas perguntarem: “Será que transmito, para o bebê, minhas dúvidas, minha rejeição inicial? Isto o traumatizará?”. Se estão preocupadas com isto é porque o amam. Se admitimos que os sentimentos maternos passam para o feto, também esta preocupação, cuidado e amor estarão passando. E mais, é bom que o feto se acostume aos diversos sentimentos da mãe, visto que, ao longo da relação mãe/filho haverá momentos de amor, prazer, alegria, mas também raiva, mágoa, tristeza. E há que se lidar calmamente com todos eles. O que não deve haver é a culpa pelo crime imaginário de não corresponder ao mito materno, gerando assim uma mãe, que para compensar o filho de sua “rejeição”, o superprotege e não lhe dá limites. E como superproteção e falta de limites não fazem bem a ninguém, a mãe se sente culpada criando-se, assim, um círculo vicioso.*

*Vitória Pamplona*